



EXPRESSO / REVISTA – 11 de Maio de 1991

MÚSICA DE VERÃO

Há uma coisa de que eu gosto muito neste filme e que, infelizmente, Jorge Silva Melo não sustenta durante todo **Agosto**: um jeito de a banda de som (banda de música, em especial) cavalgar os planos, criando uma cadência melódica e, sobretudo, uma noção de tempo presente e uno (o tempo da narração, como quem conta rememorando e treslando a memória, fazendo de tudo um **agora**). Uma música pode começar num plano como mero efeito de linguagem para tomar, sem interrupção sonora, uma presença naturalista no plano seguinte (alguém toca – ou alguém canta – realmente na acção) ou, pelo contrário, pode começar na acção e depois espalhar-se – abstractizar-se, espessar-se quanto a potencial de significação – no plano seguinte. Ou pode mesmo – veja-se a sequência no Minho – saltitar de uma fonte a outra, impregnar tudo, num ‘feito-Verde-Gaio’ invertido (ou então é apenas para que o silêncio da noite, que acontece depois, seja melhor escutado...). **Agosto** é, em primeiríssimo lugar, um caldo bem temperado de sonoridades. Antes de ser imagem, mesmo se o trabalho de Acácio de Almeida é notável.

Na maior parte do cinema que vemos, a música é efeito de complemento posto lá como som de fundo (um pouco para que não se ouça o silêncio, quantas vezes para fazer pleonasma) e, quando originada por um mecanismo naturalista, queda-se quando a sequência muda. É bonito ver alguém sentir a função da música como algo capaz de entrar e sair das codificações normalizadas, utilizando-a como suporte respiratório de um filme cujas virtudes maiores não estão, como é bom de ver, na cinematização de uma história, mas na materialização fílmica de pulsações.

Vejamos se me consigo fazer entender. **Agosto** terá, escancaradamente terá, muito pouco interesse em falar de pessoas, em traçar conflitos dramáticos entre elas, em possuir uma estrutura romanesca ou teatral, em seguir quem quer que seja. O seu objectivo é de outra índole. Se simplificássemos, quase se poderia dizer que o que ele quer é falar nostalgicamente de um tempo em que a beleza circulava por tudo, porque tudo era jovem e desejável e havia mistérios breves para decifrar, uma mulher patética e o seu muito tenro – e instável – amante estival, uma outra que circulava na rotina de uma transbordante serenidade (e havia rosas a aflorar a praia no passado), os homens eram bonitos e o rosto dela fremia de uma vitalidade toda em derramamento, o céu, o mar, a bruma, a chuva, a luz forte da manhã ou aquela outra, dourada, da tardinha, o bruxulear do sol, no Minho, coado pelas árvores, o vento ou a noite eram fortes e nítidos. Nenhum dos personagens é tão definido como essas coisas, essas pulsações, essas respirações que sentimos sem nenhum contributo da razão, quase por abandono hedonista a uma embriaguez mansa.

A razão vem depois. A razão é o que vem mostrar que há qualquer coisa de essencialmente irrisório nos movimentos que as personagens fazem, a razão é o que vem polvilhar de tristeza esse vitalismo, a razão é o que comanda o matiz irónico, a dessacralização. Jorge Silva Melo vagueia, sem angústia,



nesse vai-vem e quem conseguir sintonizar a epiderme com as vibrações de **Agosto** sairá desta fita com um sabor doce-amargo na alma, mas acariciado. Não há alforrecas, mas bálsamo nestas águas... O que me desilude neste filme é que ele se contente em flutuar. Que ele procure o ponto de passagem para a poesia cinematográfica e fique a meio-caminho. Ou que – matreiro e lesto – finja que tem histórias para contar (o soldado que dá um tiro na mulher, o desassossego do casal protagonista, o adolescente que anda por ali, numa inquietação desaustinada), espargindo isco para o espectador ir, à babugem, no seu rasto. O que me desilude é que a coragem de procurar um cinema diverso (poético, sensorial, de uma inteligibilidade que faça apelo a circunvoluções cerebrais diferentes das que utilizamos para ler) fique incompleta.

Este é o terceiro filme de cinema de Silva Melo. No primeiro (**Passagem ou a Meio-Caminho**), fazia apelo a Büchner para falar de uma revolução perdida; no segundo (**Ninguém Duas Vezes**) sentia-se o tempo a passar sobre gente desagasalhada e com frio lá por dentro; neste **Agosto**, solar e lânguido, há um retorno ao passado (anos 60) e ao Verão da vitalidade de ontem com um laivo de ironia. Formas diferentes de cansaço por todos eles. Uma sensação de espera de qualquer coisa que se sabe não vir. Uma tensão inorgástica...

Ainda se não sabe bem qual é o território, a matriz, o espaço deste cineasta no cinema português. Ele, que desde há muito declarou que todo o seu caminho (crítico, actor, encenador...) tem sido um trajecto por etapas para o amor maior, para o cinema, tarda em marcar uma fronteira, em afirmar uma especificidade, o que não ocorreu enquanto crítico, actor, encenador. Todavia, que ninguém diga que não têm sido fascinantes os gestos já esboçados, sempre à beira de algo que se adivinha poder ser muito grande, mas que vem permanecendo inconclusivo.

Jorge Leitão Ramos